

CORPO-IMAGEM: UM GESTO GEOGRÁFICO NA PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS AUTOBIOGRÁFICOS

Ingrid Rodrigues Gonçalves
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ingridgoncalves85@gmail.com

Fabiana de Amorim Marcello
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
famarcello@gmail.com

Resumo

Nesse texto apresentaremos a ideia de um *gesto geográfico* como um dispositivo de pensamento e, concomitantemente, como um modo de fazer audiovisual articulado a trabalhos das cineastas Zhang Mengqi e Agnès Varda, nos quais ambas utilizam câmeras leves para a realização de seus respectivos documentários autobiográficos. A partir da articulação entre corpo da cineasta, corpo da câmera e espaço percorrido, uma relação audiovisual é estabelecida e grafada em ato, no momento mesmo do trajeto percorrido. Pensar nessas condições de produção pode nos ajudar a correlacionar a realização de documentários com os diversos conteúdos audiovisuais autobiográficos circulantes na contemporaneidade, tendo em vista a vinculação aos suportes mais populares de cada época.

Palavras-Chave: Documentário Autobiográfico. Audiovisual. Educação.

Introdução

Este trabalho está vinculado à nossa tese de doutorado, em andamento¹, na qual analisamos um conjunto de documentários autobiográficos.

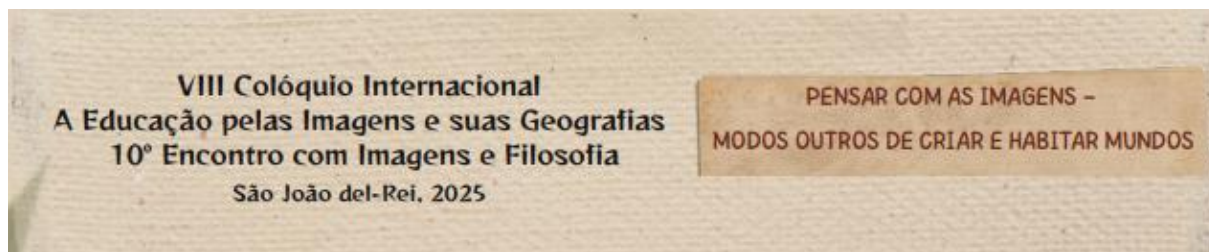
O objetivo deste texto é apresentar a ideia de um *gesto geográfico* como um dispositivo de pensamento e, concomitantemente, como um modo de fazer audiovisual articulado a trabalhos das cineastas Zhang Mengqi e Agnès Varda.

Desenvolvimento

Indagada em uma entrevista, acerca de seu processo de produção, a cineasta Zhang Mengqi, responde: “Eu brinco com a minha câmera, apenas a experimento, tento aprender a partir da câmera, aprender com a vida cotidiana das pessoas.” (Zhang, 2023, 3’50”, tradução nossa).

Nos filmes *Self-Portrait with Three Women* (2010) e *Self-Portrait: At 47 KM* (2011), somos interpelados por imagens que dançam, a partir de um corpo que dança, pois a cineasta faz performances em frente à câmera e, a nosso ver, *com* a câmera, justamente por buscar

¹ Tese de doutorado desenvolvida por Ingrid R. Gonçalves, sob orientação da Profª. Dra. Fabiana Marcello.



aprender as possibilidades desse instrumento de registro, bem como usufruir de características como portabilidade e leveza para produzir imagens que dialogam com esses aprendizados.

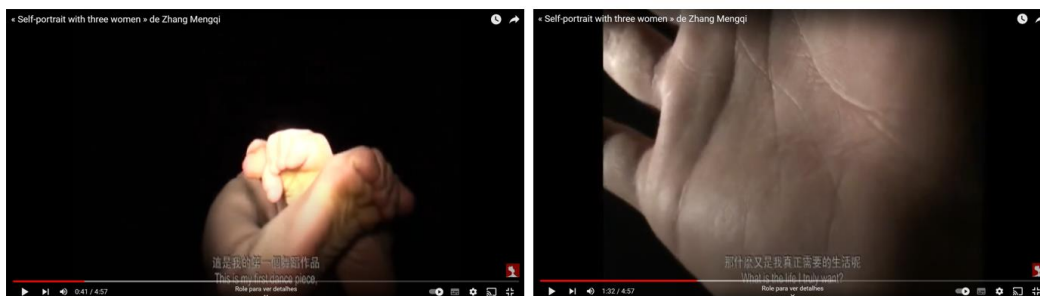


Imagem 1. Do filme *Self-Portrait* (2010).

Em *Self-Portrait with Three Women* (2010), Zhang Mengqi inicia com uma dança de seus pés, de certo modo invertendo uma ordem corporal padrão. Pés que dançam e depois uma de suas mãos, que aguarda a aproximação de sua câmera (Imagem 1). Linhas vitais de mãos que carregam uma pequena câmera com facilidade e agilidade.



Imagem 2. Do filme *Self* (2011).

A mesma destreza aparece no filme de 2011. Ela enquadra o retrovisor de uma moto em movimento, cruzando uma estrada. Uma de suas mãos empunha a câmera (Imagem 2). E a outra mão, quiçá, a sustentar seu corpo. Uma forma de dança, de fazer dançar essa conjugação entre seu corpo, sua câmera e a estrada.

Essa modo de filmar com câmeras leves, pequenas e acopladas ao próprio corpo, proporcionando movimentos ágeis, é destacada por Dowmunt (2013) ao tratar da *fisicalidade* no uso de *camcoders*, numa partilha de intimidades corpóreas entre quem vê, quem é visto e quem assiste, tendo em vista que as imagens cinematográficas podem captar corpos dançantes

ou podem, elas mesmas, corporificar movimentos de *um outro tipo de dança*, qual seja, a dança do cinema, a qual vislumbramos apenas ao assistirmos ao filme, na tela.

Uma *relação geográfica* se estabelece (Cazetta; Preve, 2016), pois os corpos que empunham a câmera deslizam com destreza no espaço, tal como vemos Zhang nas imagens 1 e 2, já que as geografias de seu corpo figuram, igualmente, como paisagens nos enquadramentos.

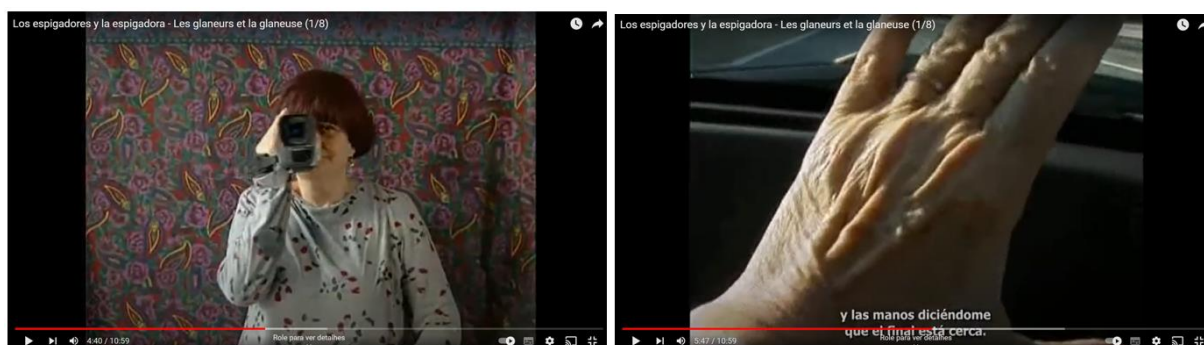


Imagem 3. Do filme *Os Catadores* (2000).

Conforme aprendemos em Dowmunt (2013) e Conway (2010), esses movimentos ágeis proporcionados por pequenas câmeras também facilitaram os fazeres fílmicos da cineasta Agnès Varda, que se entusiasma ao falar sobre o assunto: “A outra respigadora, a deste documentário, sou eu. Estou encantada em trocar as espigas de milho pela minha câmera. Essas novas câmeras pequenas são digitais, fantásticas” (*Os catadores*, 2000, 4’37”). No filme *Os catadores e eu*, a cineasta mostra pessoas coletando sobras de colheitas e do lixo urbano, relacionando tal movimento, na tela, com a pintura *As respigadoras*, de Jean-François Millet (1857). Mais do que “catar”, conforme a tradução brasileira, o verbo enfatizado é “respigar”, pois, como na pintura, as pessoas arcam o corpo para apanhar batatas, legumes, e, no caso de Varda, para recolher imagens, por meio de sua leve câmera, acoplada à sua mão, propiciando destreza a seus movimentos de grafia fílmica.

Conclusões

Propomos pensar o modo de fazer de Mengqi (2010; 2011) e Varda (2000) como um jeito de recolher imagens, que implica um modo de fazer audiovisual que poderíamos chamar de um *gesto geográfico*, de articulação entre corpo da cineasta e corpo da câmera, numa dança que aprende em ato com o respectivo espaço que percorre, pois se relaciona com aquele espaço (Gonçalves; Cazetta, 2024) grafando tais movimentos por meio das luzes e sons que atravessam as lentes de tais articulações.

Pensar nessas condições de produção pode nos ajudar a correlacionar a realização de documentários com os diversos conteúdos audiovisuais autobiográficos circulantes na contemporaneidade, tendo em vista a vinculação aos suportes mais populares de cada época. Atualmente, por exemplo, vivenciamos a proliferação de grafias digitais produzidas e compartilhadas celeremente pelas pessoas.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Por um lado, há uma espécie de “dança” desses corpos que *audiovisualizam* a vida (Gonçalves, 2020), ou seja, de corpos que compõem a própria vida utilizando-se corriqueiramente das imagens e sonoridades, fazendo uso de câmeras cada vez mais leves e portáteis, praticamente atadas a seus corpos. Por outro, essas mesmas pessoas acessam materiais audiovisuais que circulam velozmente e com conteúdos diversos, facilitando o acesso aos mais variados tipos de informações e, ademais, influenciando decisões e encaminhamentos corriqueiros.

Referências

CAZETTA, V.; PREVE, A. M. H. Uma cartografia que pode dançar. **ETD**. 2016.

CONWAY, K. Varda at work: Les Plages d'Agnès, **Studies in French Cinema**, 2010.

DOWMUNT, T. Autobiographical documentary – the ‘seer and the seen’. **Studies in Documentary Film**, 2013.

GONÇALVES, I. R.; CAZETTA, V. Deslocar e fotografar: as geografias e suas alteridades. **Leitura: Teoria & Prática**. 2024.

GONÇALVES, I. R.. **Arquivo-vida na contemporaneidade**: composições de modos de viver nas fronteiras entre audiovisual, arquivos pessoais e educação. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação), USP, 2020.

Audiovisual

OS CATADORES e Eu. Dir: Agnès Varda. 82 min. França, 2000.

SELF-Portrait: At 47 KM. Dir: Zhang Mengqi. 5 min. China. 2011.

SELF-PORTRAIT with three women. Dir: Zhang Mengqi. 5 min. China. 2010.

ZHANG Mengqi interview on Self Portrait: 47 Km. 20 out. 2023.